

Teologia da conciliação?

Entrevista

João Batista Libânio

**Teólogo jesuíta, professor do Instituto Santo Inácio de Belo Horizonte
Libânio é da turma de Boff. Hoje não confronta Bento XVI e até admite:
igreja que só milita cansa o povo**

Jornalista: Pedro Doria

Na sexta-feira, Bento XVI foi duro com os bispos brasileiros em encontro na Catedral de São Paulo. Cobrou engajamento - não o político, mas o evangelizador. Com o povo nas ruas, contudo, foi sorridente e descontraído. Um papa bem diferente do cardeal doutrinário que por décadas deu ordens no Vaticano. "Ele se humanizou no Brasil", arrisca o teólogo João Batista Libânio, como quem identifica um certo sotaque afetivo dos alemães da Baviera, terra natal do papa. "Ele, que sempre escreveu sobre o amor, experimenta por aqui aquilo sobre o qual fala em termos teóricos."

Padre Libânio, jesuíta de Belo Horizonte, é um dos principais representantes da Teologia da Libertação no Brasil. E decidiu não ir ao santuário de Aparecida, para a V Conferência Episcopal da América Latina e Caribe (Celam), aberta hoje por Bento XVI. Não foi Libânio, nem o ex-franciscano Leonardo Boff, nem o peruano Gustavo Gutierrez, da ordem de São Domingos - trinca de peso da teologia que combina fé e política em opção preferencial pelos pobres, como ficou combinado na Celam de Medellín, Colômbia, em 1968. Uma ausência combinada? "Questão de sensibilidade", despista Libânio.

Nesta entrevista ao Aliás, o jesuíta reconhece que religiosos identificados com a Teologia da Libertação têm procurado evitar confrontos com o papa nesses dias. Seria arriscado e contraproducente. Chega a admitir que aquela igreja militante dos anos 60 não existe mais e que os carismáticos, sob certo aspecto, fazem trazer alguma alegria ao rebanho católico. "Só lutar, lutar, assim ninguém agüenta". E, aos que temem o pulso de ferro do velho Ratzinger, um palpite de Libânio, autor de mais de 90 livros sobre religião e igreja: pode haver mais avanços teológicos na era de Bento XVI do que na de João Paulo II. Porque o polonês mandava calar. Já o alemão aprecia um bom argumento.

Qual o impacto produzido pelo Brasil em Bento XVI?

Bento XVI é alemão do sul, bávaro, eles são mais afetivos que os prussianos, embora retraídos. Em seu país, é cafona demonstrar afetividade, mas no Brasil, não. Em São Paulo, ele ficou aparecendo toda hora na sacada, interrompendo seus estudos. Sorriu. Sentiu-se à vontade para demonstrar afeto, o que gera uma reação das pessoas ao seu redor e cria um ciclo. Quanto mais se expande, maior o retorno. O papa foi humanizado, no Brasil. Ele tem escrito muito sobre o amor. Há dentro dele um desejo muito grande de provar que o amor purifica. E aqui, pela primeira vez, ele demonstrou fisicamente aquilo sobre o qual escreveu teoricamente.

Que o balanço faz dessa visita?

Ele veio cobrar dos cristãos uma postura mais missionária. Bento XVI tem uma visão muito crítica, em certos pontos correta, da modernidade. Há uma crise de valores que afeta o conceito de vida, de relações humanas, de respeito à realidade segundo o projeto de Deus. Ele pede que os cristãos se levantem contra valores anti-cristãos. A sociedade está hedonista, materialista, consumista, trata a vida com muito desprezo.

E o que o senhor espera da conferência em Aparecida?

Ela fará a convocação para que os católicos sejam menos tímidos, afinal, convenhamos: é bonita a maneira como os evangélicos não têm vergonha de declarar sua religião. O sucesso do encontro se dará pela capacidade de exprimir este conceito numa frase forte. Quando falamos da Celam de Medellín, em 1968, lembramos da “opção preferencial pelos pobres”. Ninguém lê os documentos produzidos. Mas as frases fortes ficam.

O papa quer católicos mais ativos?

Sim, a partir da fé e dos valores cristãos. Não apenas a partir de uma ideologia, de um partido, de compromissos meramente éticos. O papa acha que sem uma contribuição explícita da fé cristã, até a percepção ética teria dificuldade de se contrapor aos valores dominantes. O segundo ponto importante é que Bento XVI não pretende contrapor-se ao crescimento dos evangélicos. Ele espera que a resposta a esse fenômeno venha de dentro da Igreja, uma Igreja mais fiel, mais coerente. Como bom acadêmico alemão, ele não está preocupado em conquistar fiéis, que é o método dos evangélicos. Ele pretende atraí-los com uma Igreja que tenha uma vida interna atraente, fiel aos preceitos, à doutrina. O terceiro viés é ressaltar que o lado social, o cuidado com os pobres e com os marginalizados, também importante. O que Bento XVI talvez tenha é dificuldade de enxergar pelo prisma da Teologia da Libertação.

Por quê?

Bento XVI propõe primeiro trabalhar os valores, cuidar para que o indivíduo tenha uma sólida formação religiosa e, com esta bagagem, aproximar-se da realidade. Pela Teologia da Libertação, primeiro vou compreender a realidade. Vou recorrer aos meios sociológicos, psicológicos, políticos e, conhecendo bem a realidade, procuro saber que perguntas ela faz à minha fé. Bento XVI busca aplicar sua fé à realidade. Nós, da Teologia da Libertação, preferimos primeiro auscultar a realidade, compreender a pobreza, as suas causas. Nunca diríamos, como diz o papa, que Cristo é a solução para a violência. Antes tentamos ver as causas da violência: a miséria, as drogas. Sem levantar as causas sócio-político-econômicas, achamos difícil dizer uma palavra de fé. Para o papa, esta palavra de fé já é tão clara que sequer é preciso fazer uma análise para apresentar uma solução aos problemas reais.

Cresce a preocupação com o aborto na hierarquia da Igreja católica, especialmente após o processo de legalização de Portugal e no México. O quanto o tema é prioritário na agenda da igreja brasileira?

Pode ser que ele se imponha agora, mas não era prioritário. Para o conjunto da Igreja do Brasil, a prioridade ainda é a situação de injustiça pela qual tantas pessoas morrem. Situação que inclusive leva a muitos abortos, motivados pela extrema pobreza. Não é aborto sofisticado, é aborto provocado pela miséria, sob condições as piores possíveis. A pobreza e a miséria são problemas muito mais graves. Não adianta ir no efeito se não toco a causa. Não adianta ter uma escola secundária na qual as adolescentes recebem informação inadequada sobre sexo. Aí engravidam, fazem abortos. Mas, e antes disso? Isolar o problema do aborto em meio a tantas causas que levam a ele não é uma maneira objetiva de enxergar a realidade.

O senhor diria que, para ter apoio do Vaticano nas questões sociais e ambientais, a CNBB vai incorporar o discurso do papa no campo moral?

Um analista político pode fazer este tipo de leitura, mas a política interna da Igreja caminha de outra forma. Para o nosso episcopado, o pensar do papa é palavra final. O católico mais crítico até tem liberdade de questionar, mas para o católico médio e sobretudo para o bispo, que promete obediência especial, é preciso seguir o papa, independe de qualquer estratégia de aproximação com Roma. Pouquíssimos bispos se dão liberdades perante posições do Vaticano. Quando o fazem, jamais é em público. Lembro que na Celam de Puebla, em 1979, a opção seria pelos pobres. O papa falou que deveria ser a juventude, e lá entrou: “opção preferencial pelos jovens”. É a estrutura interna da Igreja Católica. Quanto mais a Igreja se

confronta com as outras igrejas cristãs, mais ela se distingue justamente pela existência do papa. Agora, a Igreja da América Latina não vai modificar a preocupação social.

Com base em que o senhor faz tal afirmação?

Aqui, a Igreja tem tradição de engajamento. É verdade que agora, influenciada pelos evangélicos, existe também esta Igreja mais carismática. Por um lado é bom, dá alegria para a vida, alivia sofrimentos. Só luta, luta, ninguém agüenta. Existe um cansaço mundial com aquele militantismo da década de 1960. A cultura pós-moderna trouxe desenvolvimento tecnológico, recursos econômicos, as pessoas viajam mais, têm mais bens, há mais música, os jovens estão mais bonitos, com brincos, com gel, há mais alegria... Isso afeta a cultura. Só não podemos esquecer o compromisso com a Justiça. A Igreja latino-americana vai continuar lutando, mas o mundo é outro.

Quer dizer: as restrições do papa no que diz respeito à Teologia da Libertação não existirão na prática?

Podem surgir embates. Se os deputados começarem a falar de descriminalização do aborto, a Igreja vai se levantar. Aborto é uma questão delicada e difícil de tratar com a grande massa sem correr o risco da simplificação. Dou um exemplo. Se eu me questiono a respeito, direi que sou contra fazer aborto. Mas outra coisa é o Estado abrir o debate, já que abortos inseguros existem em quantidade, e aí nós nos perguntamos qual seria o mal menor? Preferimos que aconteça no fundo dos quintais ou em hospitais? Devemos discutir as duas perguntas separadamente. O aborto é uma questão ética, não da Igreja. A Igreja entra conforme possa contribuir para a discussão ética. Veja que o papa fala de respeito à vida, que é uma maneira muito sutil de entrar na questão. João Paulo II era mais enfático. Bento XVI busca as sutilezas.

Quanto à obediência plena ao papa: os bispos não ganharam independência a partir do Concílio do Vaticano 2º? Houve retrocesso?

O problema se coloca no Concílio do Vaticano 1º, de 1870, com Pio IX, quando é definido o primado do papa. É quando ele ganha poder sobre as dioceses do mundo inteiro e há um reforço do poder central. O Vaticano 2º procurou diminuir um pouco este centralismo, apelando para a colegialidade, implementada através dos sínodos que acontecem de tempos em tempos em Roma. Mas trata-se de um órgão apenas consultivo. O papa faz o que quer.

Ao que parece, os nomes mais ligados à Teologia da Libertação estarão ausentes na Celam. Por quê?

Não houve proibição. Acontece que nossa presença pode provocar reações e não teremos espaço para contribuir. É uma questão de sensibilidade. Serei mineiro: é melhor que não nos exponhamos. Não é o momento.

O Vaticano quer calar as tensões internas da Igreja na América Latina?

Acho que este papa não vai na linha do calar autoritário, não. Se ele pretender calar, vai fazê-lo usando a razão. A lógica. Ele argumenta com razão e fé. Quer mostrar que nosso movimento se equivocou em algumas coisas, a própria história o mostrou, então Bento XVI não precisa calar ninguém. Estamos distantes da época dos anos 1980. Ele está se virando para dizer, "se você escreve isso, não vou calar você, mas as suas razões não são boas".

Ao criticar a modernidade, o papa recusa o mundo como é para fixar-se numa volta ao passado?

Ele tenta dizer é que a modernidade tem elementos do cristianismo: direitos humanos, direitos da mulher, isso vem de Jesus. O papa é extremamente moderno, não é TFP. Ele luta é contra a modernidade que nega sua origem cristã.

Mas, ele recusará mudanças?

Este pontificado ainda é muito novo para que levantemos tal conjectura. João Paulo II intuiu que vivíamos um período de intensa transformação. Então, fez gestos de abertura em encontros ecumênicos e inter-religiosos. Mas não permitiu uma transformação interna da Igreja, pois temia o dilaceramento. Foi até severo. Teve momentos de audácia, como o de pedir perdão pela maneira como foi evangelizada a América Latina, pela Inquisição etc. Quebrou aquela pureza batismal de que a Igreja não errava. Sendo assim, quem vai negar a possibilidade de pedirmos perdão amanhã por erros de hoje?

O pontífice quis um encontro à parte com D. Paulo Evaristo Arns, que defendeu o ex-frei Leonardo Boff em Roma, nos anos 80. Há algum significado nisto?

Foi um gesto de benevolência. Há uma tradição em Roma que o papa sempre visita cardeais quando estão debilitados. E D. Paulo é um homem de grande mérito para a Igreja. Eu interpretaria nesta direção.

Que marcas o senhor acha que esta visita deixará em Bento XVI?

Ele elogia muito a vitalidade da Igreja da América Latina. E deve sentir um contraste muito grande com a igreja do país dele, que está morrendo. Por mais erros que tenhamos cometido, Bento XVI não pode considerar nossa Igreja perdida. É uma Igreja viva. Uma acusação que se fazia à Teologia da Libertação era a de que teria sido uma das causas da evasão de fiéis. Mas, se observarmos as estatísticas, a Igreja que mais perdeu fiéis foi a do Rio de Janeiro, liderada por um conservador do porte de D. Eugênio Sales

A Igreja ainda se incomoda com a laicização dos Estados?

Já se incomodou mais. Hoje muitos consideram até uma bênção, porque a Igreja ficou mais livre. Existem até bispos que acham que ela deveria abrir mão até do Vaticano. Conta-se que, certa vez, d. Hélder Câmara perguntou a Paulo VI se poderia oferecer-lhe dois conselhos. Primeiro: que o papa deixasse o Vaticano e fosse morar na sacristia de uma igreja, deixando toda aquela riqueza para a Unesco. Segundo: que reunisse todos os núncios, agradecesse pelos serviços prestados e os dispensasse todos. O papa achou graça, riu, mas não fez nada, evidentemente. Mas seria como voltar à Igreja de Pedro e Paulo, que nada tinha

FRASE

“Bento XVI quer que os católicos sejam menos tímidos, mais coerentes e missionários. Ele identifica uma crise que pode ser solucionada quando os cristãos se erguerem contra todos os valores que sejam contrários aos de sua religião”